

A INTOLERÁVEL LEVEZA DO SER*

**Cristina Saboya

INTRODUÇÃO

Na década de 1980, o escritor tcheco Milan Kundera lançou um romance de enorme sucesso, “A Insustentável Leveza do Ser”. A história envolve Tomas, um médico, Tereza, uma fotógrafa e Sabina, uma artista plástica. O trabalho a seguir não se propõe a discorrer sobre o romance em si, mas de tomar emprestada uma ideia que surge logo no começo do livro: a problemática leveza/peso, e a partir daí criar associações entre a teoria e a prática psicanalítica, tendo em mente pacientes de difícil acesso, impasses, reações terapêuticas negativas, enfim, toda a gama de situações tão comumente vivenciadas na chamada clínica contemporânea.

Acreditando ser importante a pluralidade teórica com uma base consistente da teoria freudiana, proponho explorar diferentes vértices da problemática leveza/peso, considerando seu estudo enriquecedor para o trabalho clínico.

* Nota da autora: Optei pela tradução da palavra “unbearable” (a fonte de referência usada foi a tradução inglesa) como “intolerável”, diferente da tradução para o português que utiliza “insustentável”.

** Psicóloga, Membro Aspirante da SPPA, trabalho escrito como conclusão do segundo ano de seminários. Docente e Supervisora do Estágio de Psicologia Clínica do ITIPOA.

LEVEZA E PESO

“Quando queremos expressar uma situação dramática de nossas vidas, costumamos usar metáforas sobre peso. Dizemos que algo se tornou um fardo para nós. Podemos carregar o fardo, ou então falhar e sucumbir, lutar contra ele, ganhar ou perder. O que precisamente aconteceu com Sabina? Nada. Ela havia deixado um homem porque quis. Ele a havia perseguido? Tentado algum tipo de vingança contra ela? Não. Seu drama não era um drama de peso, mas sim de leveza. O que se abateu sobre ela não foi o fardo, mas a intolerável leveza do ser.” (p. 121)

A título de esclarecimento, farei um breve resumo das idéias contidas nos dois primeiros capítulos do romance.

O livro inicia, de forma bastante envolvente e inspirado em Nietzsche, abordando a dualidade leveza/peso e a noção de eterno retorno. Kundera diz que este último é algo misterioso, pois implica em pensar que tudo na vida se repete tal como foi vivido e que essa repetição ocorre de forma *ad infinitum*. Partindo de um pólo negativo, o autor relata que uma vida que desaparece de uma vez por todas, sem retorno, é como uma sombra, sem peso, antecipadamente morta, e se ela foi horrível, linda, ou sublime, isso não terá a menor importância.

Kundera continua sua complexa e cativante explanação: se cada momento de nossas vidas é recorrente num número infinito de vezes, é como se estivéssemos pregados à eternidade assim como Cristo na cruz. No mundo do eterno retorno, cada movimento representa uma responsabilidade pesada e intolerável. O eterno retorno seria, portanto, o representante do peso. Se o eterno retorno é o mais pesado dos fardos, então nossas vidas podem se destacar disso em toda a sua esplêndida leveza. Nesse momento, o autor se pergunta: mas o peso é realmente deplorável e a leveza esplêndida? Em seguida diz: “O mais pesado dos fardos nos esmaga, nós afundamos debaixo dele, ele nos prega ao chão. Mas na poesia romântica de qualquer época, a mulher anseia por receber o peso do corpo

masculino. O mais pesado dos fardos é então ao mesmo tempo a imagem da mais intensa realização. Quanto maior o peso, mais próximas nossas vidas estão da terra, mais real e mais verdadeira elas parecem.” (p. 5)

Por outro lado, a ausência de peso faz com que o homem se sinta mais leve do que o ar, que se eleve às alturas, que se despeça de sua condição terrena, e se torne semi-real, seus movimentos tão livres quanto insignificantes: “O que então devemos escolher? Peso ou leveza?”

Por fim, Kundera cita Parmênides, quando ao dividir o mundo em pares de opostos, elegeu a leveza como positiva e o peso como negativo. De novo se questiona: será de fato? Lembra Beethoven, pessoa e obra pesadas, e uma referência que este fez a uma difícil resolução e ao destino (“*eis muss sein*”). Sua conclusão foi que necessidade, peso e valor são três conceitos inextricavelmente ligados: somente a necessidade é pesada, e somente o que é pesado tem valor. A única certeza, diz Kundera, é que a oposição leveza/peso é a mais ambígua e misteriosa de todas.

Para expor as próximas associações, defino o peso como a capacidade de amar o outro e de constituir vínculos, e a leveza seu oposto, como “A expressão do sujeito contemporâneo ao confrontar-se com o desamparo, buscando refúgio no seu narcisismo para lidar com o inominável vazio de suas origens”. (Paim Filho, 2012, p. 37) Ou, como escreveu Green (1988) sobre o narcisista moral: “trata-se de ser puro, e, portanto, de estar sozinho, de renunciar ao mundo, aos seus prazeres, assim como aos seus desprazeres, pois sabemos que do desprazer podemos também tirar prazer.” (p. 194)

No que se refere ao trabalho clínico, o peso estaria representado pelas “neuroses clássicas”, assentadas no terreno da representação e do retorno do reprimido. A leveza, por sua vez, poderia ser ilustrada pelas freqüentes apresentações clínicas de hoje, que se situam em terrenos diferentes, como expressões ligadas ao corpo, ao narcisismo e à compulsão à repetição vinculada à pulsão de morte. São expressões psicopatológicas que estão além - ou aquém - do representável, cujo mecanismo dominante é o luto insuperável e as reações defensivas que ele suscita. Nesse conjunto, podemos destacar angústias catastróficas ou impensáveis, sentimentos de futilidade, desvitalização ou morte

psíquica, sensações de precipício, de buracos sem fundo, de abismos. (Marucco, 2003, Green, 2010)

LEVEZA E PESO NA PRÁTICA CLÍNICA

“O contrato não escrito de amizade erótica estipulava que Tomas deveria excluir todo o amor de sua vida”. (Kundera, p. 13)

Deslocando a dualidade leveza/peso para a prática clínica, podemos cogitar que essa oposição está envolta numa ambivalência, que encontra-se naturalmente presente no início e no decorrer do processo analítico: deixar-se pregar pelo vínculo ou flutuar pelo não-comprometimento vida afora?

Essa ambigüidade é universal, da natureza humana, mas em alguns casos a problemática leveza/peso carrega consigo a marca da patologia, algo semelhante ao que Freud escreve no *Mal-Estar na Civilização* (1930) sobre a técnica da arte de viver e a felicidade: “O homem predominantemente erótico dará preferência aos seus relacionamentos emocionais com outras pessoas; o narcisista, que tende a ser auto-suficiente, buscará suas satisfações principais em seus processos mentais internos” (p. 91).

Aliás, não só em 1930, como nos demais textos sociais de Freud, a problemática leveza/peso está embutida, pois o processo civilizatório pressupõe transformar o egoísmo em altruísmo (leveza em peso?). A criação do grupo é necessária para aplacar o desamparo e resguardar o homem de seus próprios impulsos destrutivos: “O amor por si mesmo só conhece uma barreira: o amor pelos outros, o amor por objetos” (Freud, 1921, p. 113). Mas aquilo que nos perpetua e protege é justamente o que nos faz adoecer (1913, 1921, 1927). De novo deparamo-nos com a ambígua e misteriosa sina do ser: adoecer pela leveza ou pelo peso?

Numa série de três breves escritos que fala de tipos de caráter, Freud (1916) chama a atenção para aqueles pacientes que adoecem justamente no momento em que um desejo profundamente enraizado e há muito alimentado atinge a realização. São os “arruinados pelo êxito”, incapazes de tolerar sua felicidade, pondo a termo toda a fruição da realização de seus desejos, e, conseqüentemente, à sua capacidade de amar. Adoecem pelo êxito porque ele está ligado à satisfação de um desejo incestuoso e edípico, “que proíbem ao indivíduo obter a tão almejada vantagem proveniente da feliz mudança de realidade” (p. 333). Acredito ser essa uma das formas de compreender o poder sedutor da leveza, pois diante da angústia do peso, o Eu convoca seu arsenal defensivo.

Alguns anos depois, em Além do Princípio do Prazer (1920), Freud apresenta idéias originais que abrem caminho para desenvolvimentos teóricos e técnicos. Neste trabalho, a dualidade agregar/desagregar também está presente, com um enfoque bem diferente, num contexto de tendências mais arcaicas, que atuam independente do princípio do prazer. A partir da observação de fenômenos clínicos como as neuroses traumáticas e os sonhos de repetição, Freud apresenta sua segunda teoria das pulsões. Ao introduzir a idéia de pulsão de vida ou Eros e pulsão de morte, Freud (1920) descreve um movimento peculiar e repetitivo das pulsões. Parafraseando Kundera, seria uma luta incessante entre poder “flutuar” ou “pregar-se”. A existência de uma energia desligada, como acontece no processo primário, pode ser representado pela leveza, já que esta tende a reconduzir ao estado inorgânico. O peso, por sua vez, ilustra a tendência à ligação, característica do processo secundário, cujo objetivo é formar e manter coesões.

Pensando no processo analítico, cuja meta é o investimento e a promoção de mudanças, é importante destacar a reação terapêutica negativa, um tipo de resistência à cura especialmente difícil de superar (Laplanche, 2001). Segundo Laplanche, é no Ego e o Id (1923) onde Freud faz a descrição mais completa desse fenômeno: “Há certas pessoas que se comportam de maneira muito peculiar durante o trabalho de análise. Quando se lhes fala esperançosamente ou se expressa satisfação pelo progresso do tratamento, elas mostram sinais de descontentamento e seu estado se torna invariavelmente pior... reagem inversamente ao progresso do tratamento” (p. 62). A aproximação do restabelecimento é sentido como um perigo, e essa resistência é encarada

como o mais poderoso de todos os obstáculos à cura, “mais poderoso que os conhecidos obstáculos da inacessibilidade narcísica... e do apego ao ganho com a enfermidade” (p. 62).

De acordo com Rosenfeld (1988), a teoria de Freud sobre a dualidade pulsional inaugurou uma nova era no desenvolvimento da psicanálise, proporcionando uma compreensão mais profunda dos fenômenos narcísicos e agressivos da vida mental. O autor considera que a des fusão das pulsões de vida e morte pode ser percebida através de manifestações destrutivas direcionadas contra o self e o objeto. Essa operação ocorre em sua forma mais virulenta em condições narcísicas severas, e propõe a idéia de fusões ou desfusões normais e patológicas. Na fusão normal, a energia destrutiva pode ser mitigada ou neutralizada; já na mescla patológica, a destruição é enormemente reforçada. No segundo caso, clinicamente verifica-se a criação de obstáculos, resistências crônicas e reação terapêutica negativa.

Ao estudar o narcisismo em maior profundidade, Rosenfeld (1988) ressalta que aspectos libidinais e agressivos coincidem lado a lado na maior parte dos pacientes. Quando aspectos libidinais predominam, a destrutividade se torna aparente logo que a idealização é ameaçada pelo contato com a alteridade. Aparecem sentimentos de humilhação, derrota, ressentimento, inveja e vingança quando se percebe que a bondade não foi criada a partir de si mesmo, magicamente, mas que provém do outro. Sua onipotência foi roubada. Na análise, se esses sentimentos puderem ser aliviados, o analista será percebido como um objeto externo valioso.

Porém, quando a pulsão de morte e a inveja predominam, aparecem desejos de destruir fontes de vida, criatividade e bondade. Impulsos autodestrutivos também aparecem, pois ao se haver com a realidade da dependência do seu analista, por exemplo, ele prefere morrer, de se tornar não-existente, de negar o fato de seu nascimento, de destruir seu progresso analítico e seu insight. Frequentemente neste ponto o paciente quer desistir da análise, mas com maior frequência faz atuações, danificando seu sucesso profissional e suas relações pessoais. Alguns desses pacientes se tornam suicidas, e os desejos de morrer, de desaparecer no esquecimento são expressos de forma aberta, e a morte é idealizada como uma solução para todos os problemas, como se não houvesse

nada que alguém possa fazer para mudar a situação. Entra em cena o que Rosenfeld (1988) batizou de “gangue narcisista”, uma organização poderosa que se esforça para manter operante um trabalho criminoso destrutivo, onde a proposta de mudança é sentida pelo líder da gangue como uma traição.

Green (2010), por sua vez, faz um acréscimo importante ao refletir sobre as pulsões de vida e morte, hipótese teórica “audaciosamente” criada por Freud, como o autor a descreve. Suas reflexões sustentam que para termos uma idéia mais precisa da pulsão de morte, somos “obrigados a ir mais longe na teoria que Freud nos oferece das pulsões de vida ou de amor” (p. 99). Afirma que os mecanismos característicos das pulsões de vida (ligação) e morte (desligamento) são insuficientes para a compreensão desse conceito, pois é impossível referir-se à pulsão de morte sem falar do outro termo do par que ela forma com a pulsão de vida.

Tratando-se de uma atrelagem conceitual indissociável, Green (2010) observa que os movimentos de ligar e desligar são coexistentes: “A pulsão de vida pode muito bem admitir nela a coexistência desses dois mecanismos de ligação e de desligamento, da mesma maneira que pode absorver nela uma parte da pulsão de morte e, com isso a transforma. As manifestações que resultam daí não são mais interpretáveis no registro próprio à pulsão de morte. Ao contrário, a pulsão de morte comporta apenas o desligamento. Ainda falta especificar o quê?” (p. 99). Sugere então a hipótese de que o objetivo essencial das pulsões de vida é a *função objetalizante*. O papel dessa função não se limita só à criação de uma relação com o objeto, mas de ter a capacidade de transformar estruturas em objeto, muitas vezes promovendo à condição de objeto aquilo que não possui nenhuma das qualidades, propriedades ou atributos do objeto. Ressalta a condição de “investimento significativo”, onde o próprio investimento é objetalizado, e cujo processo pode perpassar o Eu e a relação com o objeto, vindo a referir-se também a um modo de atividade psíquica.

Inversamente, o objetivo da pulsão de morte seria realizar, tanto quanto possível, uma *função desobjetalizante* pelo desligamento: “Essa qualificação permite compreender que não é somente a relação com o objeto que é atacada, mas também todos os

substitutos deste... Mas a manifestação própria à destrutividade da pulsão de morte é o *desinvestimento*” (Green, 2010, p. 100).

Para finalizar, já que a vida imita a arte ou vice-versa, cito mais um trecho do romance que a meu ver ilustra alguns pacientes que adoecem em função da intolerável leveza, ou peso do ser. Pacientes que se encontram, como diz Marucco (2004) entre o poder da doença e o poder da cura, do enamoramento e do amor, entre Eros e o poder de Tântatos.

“De repente, a intoxicação deu lugar à angústia: essa estrada tinha que terminar em algum lugar! Mais cedo ou mais tarde ela teria que parar com suas traições! Mais cedo ou mais tarde ela teria que se frear!... ela tinha um desejo opressivo de dizer-lhe, como uma mulher comum, Não me deixe ir, me abraça forte, faça-me de seu joguete, sua escrava, seja forte! Mas essas eram palavras que ela não poderia dizer... isso era o máximo que sua natureza reservada lhe permitia expressar.”(p. 98)

COMENTÁRIOS FINAIS

Os breves comentários que farei nesta parte podem ser divididos em dois assuntos.

O primeiro refere-se à escolha do tema a partir de um romance. Acredito que a psicanálise diz tanto a respeito da vida que se torna quase impossível dissociar a escuta e o pensamento psicanalítico de algumas tarefas cotidianas, entre elas ler um livro. Não se trata de encarar a vida ou restringi-la somente à psicanálise, correndo-se o risco da “psicanálise silvestre”, mas a associação livre acontece, é inevitável, e o importante mesmo é jamais perder a capacidade de criar.

O segundo assunto refere-se à teoria e prática psicanalítica: comentei na introdução sobre a valorização da pluralidade teórica, tendo como uma base consistente a teoria freudiana. A psicanálise, assim como a vida, é um incessante movimento e desenvolvimento. Cada vez mais precisamos nos apoiar no tripé teoria, supervisão e análise pessoal para dar conta da crescente demanda dos casos que recebemos em nossos consultórios, assim como das inúmeras propostas teóricas que temos à nossa disposição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1913) Totem e tabu, vol. XIII

_____. (1916) Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico. vol. XIV

_____. (1920) Além do principio do prazer. vol. XVIII

_____. (1921) Psicologia de grupo e análise do ego. vol. XVIII

_____. (1923) O id e o ego. vol. XIX

_____. (1927) O futuro de uma ilusão. vol. XXI

_____. (1930) Mal-Estar na civilização. vol. XXI

GREEN, A. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

_____. *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

KUNDERA, M. *The unbearable lightness of being*. London: Faber and Faber, 1984.

LAPLANCHE, J. (1982) *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PAIM FILHO, I. e LEITE, L.C. *Novos tempos, velhas recomendações sobre a função analítica (1912-2012): Freud – 100 anos depois*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SPILLIUS, E. B. *Melanie Klein today, vol. 1, mainly theory*. London: Routledge, 1988.

MARUCCO, N. C. (2003). O analisando de hoje e o inconsciente (sobre o conceito de zonas psíquicas). *Revista de Psicanálise da SPPA*. vol. X, n.3, p. 453-473.

_____. (2004). A prática analítica atual e a problemática do poder. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*. vol. 26, n.3, p. 257-267.